

1. Introdução

O artista tem que ser gênio para alguns e imbecil para outros.
Se puder ser imbecil para todos, melhor ainda.

NELSON RODRIGUES

Minha primeira professora de português disse certa vez que o português é o código secreto do brasileiro. Ela fez a afirmação para tentar explicar a relação entre o povo brasileiro, que representa a maioria esmagadora de falantes nativos de português no mundo inteiro, e sua língua, que continua pouco espalhada fora dos países lusófonos. Embora se possa dizer que o panorama tem mudado um pouco nos últimos anos, com o crescimento da economia brasileira e a presença cada vez mais forte do Brasil nas reuniões e organizações multinacionais dentro e fora da América Latina, o português continua a ser uma curiosidade para muitas pessoas no mundo fora. Como muitos outros norte-americanos, tive pouco contato com a cultura brasileira e a língua portuguesa quando morava nos Estados Unidos. Lembro-me de brincar de ser Pelé e tentar marcar um gol de bicicleta quando era criança; do primeiro CD de bossa nova que ganhei de presente quando era adolescente; e de assistir o filme *Cidade de Deus* no cinema duas vezes em dois dias em pleno inverno nova-iorquino e dizer para um amigo meu que eu aguentaria aquela violência toda para poder andar de sandália havaiana todos os dias. Enfim, as lembranças são poucas. Só entrei em contato efetivamente com a cultura brasileira em 2007, com o começo das minhas primeiras aulas de português. Pouco tempo depois, conheci Nelson Rodrigues.

Se o português é o código secreto dos brasileiros, como dizia minha professora de português, Nelson Rodrigues é seu tesouro escondido. Até 2009, só existia uma tradução para o inglês das obras do escritor: uma coletânea de dois volumes de suas peças em inglês, organizada e traduzida por seu próprio filho Joffre Rodrigues, e publicada pelo Ministério da Cultura do Brasil. Ou seja, até 2009 nenhuma editora norte-americana tinha publicado uma palavra sequer produzida por um dos maiores – ou, pelo menos, mais populares – escritores brasileiros do último século. Assim, a presente dissertação nasceu de uma pergunta simples: por quê?

A proposta desta dissertação é analisar a primeira tradução da prosa de Nelson Rodrigues publicada por uma editora norte-americana, embora contemple

apenas uma pequena parte de sua imensa produção. Trata-se de *A vida como ela é...*, uma coletânea de contos, originalmente publicados como coluna diária no jornal *Última Hora* de 1951 a 1961. Essa tradução, *Life As It Is*, foi feita por Alex Ladd e publicada nos Estados Unidos pela editora norte-americana Host Publications em 2009.

A história de *A vida como ela é...* começa em 1951, quando o editor do jornal *Última Hora* convidou Nelson a escrever uma coluna diária inspirada nas notícias do dia. Como Ruy Castro explica em sua biografia *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*:

Samuel Wainer propôs a Nelson escrever uma coluna diária baseada num fato real da atualidade, da área da polícia ou do comportamento. A coluna poderia se chamar *Atire a primeira pedra*. Nelson aceitou mais que depressa, mas sugeriu outro título, *A vida como ela é...* – com as reticências. Muito mais sugestivo, ele achava, e dava um toque de fatalidade, de ninguém-foge-ao-seu-destino. Samuel concordou e Nelson foi escrever a primeira coluna. O jornal dera na véspera a história do casalzinho que acabara de se casar no Rio e, ainda sujo de arroz, tomara um avião para São Paulo; o teco-teco batera numa casa ao aterrissar e explodira. Na imaginação de Nelson, o casal morreria “antes da primeira noite e antes do primeiro beijo”. Foi mostrar a Samuel. Samuel gostou, mas disse que a história era velha, que Nelson ficasse em cima dos assuntos do dia; Paulo Silveira, o chefe de reportagem, passar-lhe-ia as pautas. Nelson obedeceu à orientação nos primeiros dois dias. No terceiro, começou a inventar ele próprio as histórias. Samuel Wainer levou uma semana para descobrir e, quando descobriu, era tarde: *A vida como ela é...* já incendiara a cidade. (Castro, 1992, p. 236)

Nelson publicou mais de 2.000 histórias ao longo dos dez anos seguintes, até a edição do último conto¹ em 1961. Ainda na década de 1960, o próprio escritor escolheu cem dos contos para serem publicados em dois volumes na coletânea *Cem contos escolhidos – A vida como ela é...* Em 1978, um dos contos publicados em *A vida como ela é...* deu origem ao filme “A dama da lotação”, um dos filmes de “maior repercussão do cinema brasileiro”, segundo a editora Agir (Rodrigues, 2006 p. 9). Na década de 1990, *A vida como ela é...* tornou-se um sucesso no teatro, em encenação premiada de Luiz Arthur Nunes, e chegou ao horário nobre na adaptação dirigida por Daniel Filho para a TV Globo (Rodrigues, 2006, p. 9). Na mesma década, Ruy Castro publicou uma biografia de Nelson Rodrigues e trabalhou com a editora Companhia das Letras na republicação de algumas de suas obras em prosa, dentre elas alguns contos de *A vida como ela é...*

¹ Embora a coluna *A vida como ela é...* tenha nascido como espaço para a publicação de crônicas e as histórias dessa coluna tenham muito a ver com a tradição da crônica brasileira, foram caracterizadas como contos pelo próprio autor quando organizou a primeira coletânea. Como resultado, a classificação de conto também foi utilizada nesta dissertação.

Em 2006, a editora Agir publicou, pela primeira vez em 45 anos, os cem contos de *A vida como ela é...* escolhidos por Nelson Rodrigues, em um volume só. No começo de 2009, 58 anos após a publicação do primeiro conto de *A vida como ela é...*, a primeira tradução para o inglês chegou às livrarias norte-americanas com o título *Life As It Is*.

Esta pesquisa teve o duplo objetivo de examinar a função da tradução de *A vida como ela é...* no polissistema literário norte-americano, com base nos pressupostos da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990), da abordagem descritivista de Gideon Toury (1995) e das ideias de André Lefevere, em especial o conceito de *patronagem* (1992), e de analisar o produto em si, em particular os efeitos das escolhas tradutórias de Alex Ladd em três contos selecionados a partir da proposta de categorização de estratégias para a tradução de referentes culturais elaborada por Javier Franco Aixelá (1996).

A presente dissertação está organizada da seguinte maneira: o capítulo a seguir terá como tema os fundamentos teóricos do estudo e a metodologia de trabalho adotada. No terceiro capítulo, será feita uma apresentação de *A vida como ela é...* em sua forma original, como coluna diária no jornal carioca *Última Hora*. O capítulo mostrará as raízes jornalísticas e a forte ligação de *A vida como ela é...* com a cidade de Rio de Janeiro.

O quarto capítulo enfocará a função desempenhada pela tradução de *A vida como ela é...* dentro do polissistema literário norte-americano. Será traçado o crescimento do mercado norte-americano para literatura brasileira, a partir do chamado *boom* na tradução da literatura latino-americana nos Estados Unidos. O capítulo também mostrará as mudanças específicas que ocorreram dentro do polissistema literário norte-americano e levaram à tradução de *A vida como ela é...*, e fará uma análise da recepção crítica de *Life As It Is* naquele polissistema a partir das avaliações que apareceram na imprensa nacional.

O quinto capítulo examinará *Life As It Is* como produto tradutório. Em um plano mais geral, serão discutidas as estratégias tradutórias explicitadas nos paratextos e será feita uma análise da tradução de três histórias da coletânea, com especial ênfase nas estratégias utilizadas na tradução dos chamados itens de especificidade cultural, com base na proposta de Franco Aixelá (1996).

O último capítulo apresentará as considerações finais a respeito do estudo realizado.